

RESUMO

Este relato traz uma experiência vivenciada na disciplina Pesquisa e Estágio III: anos iniciais do ensino fundamental do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII em que foram realizadas atividades de observação participante e docência compartilhada em uma turma de 3º ano de uma escola Municipal, do distrito de Mutãs. O estudo busca refletir acerca das práticas de alfabetização em contexto de pandemia. Após dois anos intensos da COVID_19, as instituições de ensino retornaram às aulas presenciais deixando evidentes as consequências da modalidade de ensino remoto, que não contemplou todas as crianças da educação básica no ensino-aprendizagem. A metodologia trata-se de uma abordagem qualitativa (PRODANOV e FREITAS, 2013) na qual possibilita uma dinâmica com os sujeitos envolvidos. Para a coleta de dados utilizamos o diário de campo, observação participante e a docência compartilhada. Em se tratando de aporte teórico, analisamos a Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG), bem como as contribuições de autores como Lakatos e Marconi (2003); Pimenta (2011); Ferreiro (1993), Folquitto (2018), Menezes (2015), dentre outros. Os resultados da experiência apontam que as crianças em processo de alfabetização, após retorno das atividades presenciais apresentam dificuldades, já que maioria delas não teve acesso ao ensino remoto, portanto não perpassou pela educação infantil, tendo um salto direto para o 3º ano do ensino fundamental. Ficou evidente também a importância do estágio como pesquisa nos anos iniciais do ensino fundamental como lugar de interlocução entre a universidade, a escola e a sociedade e, principalmente um espaço de aprendizagens da docência.

Palavras-chave: Estágio como pesquisa. Aprendizagem da Docência. Formação docente. Alfabetização.

ABSTRACT

This report brings an experience lived in the discipline Research and Internship III: initial years of elementary education of the Pedagogy course, at the University of the State of Bahia (UNEB), Campus XII, in which activities of participant observation and shared teaching were carried out in a class of 3rd year of a Municipal school, in the district of Mutãs. The study seeks to reflect on literacy practices in the context of a pandemic. After two intense years of COVID_19, educational institutions returned to face-to-face classes, making evident the consequences of the remote teaching modality, which did not include all children in basic education in teaching-learning. The methodology is a qualitative approach (PRODANOV and FREITAS, 2013) in which it enables a dynamic with the subjects involved. For data collection we used the field diary, participant observation and shared teaching.

In terms of theoretical support, we analyzed the Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG), as well as the contributions of authors such as Lakatos and Marconi (2003); Pimenta (2011); Ferreiro (1993), Folquitto (2018), Menezes (2015), among others. The results of the experience show that children in the literacy process, after returning from face-to-face activities, have difficulties, since most of them did not have access to remote teaching, so they did not go through early childhood education, having a direct jump to the 3rd year of elementary school. It was also evident the importance of the internship as research in the early years of elementary school as a place of dialogue between the university, the school and society and, mainly, a space for teaching learning.

Keywords: Internship as research. Teaching Learning. Teacher training. Literacy.

Submetido em: 26 de set. 2022

Aceito em: 04 de nov. 2022

ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COMO PESQUISA EM UMA TURMA DE 3º ANO**LITERACY IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL: AN INTERNSHIP EXPERIENCE AS RESEARCH IN A 3º YEAR CLASS**

Ana Mirian Malheiros Silva^{1,*} / Elismarcia dos Santos¹ /
Maria de Fátima Pereira Carvalho¹ /
Sirlene Prates Costa Teixeira¹

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto dos momentos vivenciados no componente curricular Pesquisa e Estágio III: Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, buscamos refletir acerca das práticas de alfabetização em contexto de pandemia. Nesse espaço se fez necessário um olhar de pesquisadoras para condução de uma prática da reinvenção, depois de passados dois anos da pandemia da COVID-19, as escolas tiveram o retorno das atividades presenciais e durante este período busca maneiras de “recuperar” os impactos causados no desenvolvimento escolar das crianças, uma vez que, o ensino ocorreu de modo remoto, com o acompanhamento dos/as pais/mães e/ou responsáveis, e em muitos casos, não tiveram o vínculo com o processo de escolarização.

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil
*E-mail para correspondência: mirian75@gmail.com

O estágio como pesquisa favorece a aproximação entre a Universidade e a escola básica, oportuniza aos/às estudantes, a participação e criação de propostas metodológicas, ao proporcionar a unidade teoria/prática que ora não acontece nos componentes curriculares durante a graduação, ou seja, ocorre o convívio com a realidade escolar, na qual o/a discente na condição de professor/a passa a vivenciar a rotina da sala de aula, tendo a experiência de observar, planejar e elaborar o desenvolver das aulas por um período de tempo determinado (PIMENTA, 2011).

É importante destacar que para a realização desse componente pesquisa e estágio, todas as disciplinas que envolvem a matriz curricular do curso são fundamentais, uma vez que, antecede subsidiando o conhecimento entre os conteúdos e os métodos a serem desenvolvidos durante a experiência de estágio como pesquisa, como também ao longo da carreira profissional. Para realização do fazer docente, damos ênfase aqui às de base metodológicas, a exemplo dos fundamentos teóricos e metodológicos da matemática, da geografia, da história, da ciência, do atendimento às pessoas com necessidades educativas especiais, por considerar que durante a docência compartilhada nos anos iniciais a/o pedagoga/o trabalha com todas essas áreas do conhecimento.

Nessa perspectiva, procuramos refletir a partir de elementos que contribuem para a formação de pedagogos/as, tendo como base a nossa experiência na docência compartilhada durante o estágio, por compreendê-lo como lócus de pesquisa. Deste modo, buscamos refletir como têm acontecido as práticas de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental I após o retorno das aulas presenciais em todo o estado da Bahia, mas especificamente, no município de Guanambi.

MATERIAIS E MÉTODOS: por onde andamos?

Com a finalidade de responder ao objetivo aqui proposto, optamos pela pesquisa de campo do tipo qualitativa. De acordo com Lakatos e Marconi (2003 p.186) “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para qual se procura uma resposta, ou de hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Assim, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa que permite uma relação mais dinâmica com os sujeitos envolvidos (PRODANOV; FREITAS, 2013). Os instrumentos metodológicos utilizados foram o diário de campo a fim de registrar acontecimentos e rememorar-los posteriormente e a observação participante que segundo Lakatos e Marconi (2003, p.190) é “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Que diferentemente do que interpretam em uma situação de estágio, não adentramos a sala de aula para vigiarmos o que ocorre nela, mas sim para construirmos um olhar de amorosidade e reconhecimento de um espaço que nos convida a adentrá-lo como futuras pedagogas.

A observação participante possibilita ao pesquisador fazer parte do grupo observado, ficar próximo da realidade e participar da rotina daquele grupo conforme eles vivenciam naturalmente (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 194). Experienciamos isso desde o início, ao sermos autorizadas a nos envolver com as crianças caso fôssemos solicitadas e contribuir em alguns momentos com a professora, por exemplo, ao distribuir e orientar atividades, informar disciplina e livro a ser usado, dentre outras ações.

A experiência se deu numa turma do 3º ano, com 26 (vinte e seis) crianças ao total, e destas, seis apresentam alguma dificuldade de aprendizagem em fase de diagnóstico e uma possui o laudo de Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme informações das professoras daquela classe. Para a criança autista, havia uma assistente que acompanhava e também ajudava as demais com menor desempenho na aprendizagem.

Após uma semana, finalizamos a observação participante e demos pausa de duas semanas no contato com a sala para começarmos o planejamento de aulas para da nossa proposta de ação pedagógica. De início propomos a realização de uma oficina ou a docência compartilhada, o que tivemos liberdade para escolher de acordo com as nossas possibilidades e necessidades da turma. Optamos pela docência, pois acreditamos que assim ressignificaríamos nosso aprendizado em sala de aula, trazendo novos saberes, experiências e reflexões para a nossa formação docente.

Para isso, autores/as como Pimenta (2011), Lakatos e Marconi (2003), Ferreiro (1993), Folquitto (2018), Menezes (2015), Bittencourt (2019), nos embasaram e fortaleceram as nossas discussões, além disso, a Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG), nos instruiu a compreender noções voltadas para a 2ª etapa da educação básica e as características envolvidas do processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental.

RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS PARA O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

As consequências dos últimos dois anos vividos pela sociedade brasileira em detrimento da pandemia da Covid_19 que se alastrou no início de 2020 e se estendeu por todos os âmbitos sociais, sanitário, econômico e educacional. Em sala de aula, enxerga-se um novo mundo repleto de possibilidades e riscos, somos confrontadas/os com um destes resquícios deixados pelo ensino remoto, adotado durante o auge pandêmico, o atraso na aprendizagem das crianças de 6 a 9 anos.

Uma pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) realizada em 2021 sobre o impacto da pandemia na educação revelou que 99.3% das escolas brasileiras suspenderam suas atividades presenciais e precisaram modificar todo o planejamento já feito. Deste percentual, as escolas públicas foram as que mais careceram por mudanças, enquanto que 70% das escolas do setor privado seguiram exatamente o proposto em seus cronogramas anuais.

A pesquisa do INEP (2022) nos aponta ainda que a fim de reduzir as sequelas na aprendizagem dos/as estudantes, o Conselho Nacional de Educação (CNE) recomendou a realização do ensino híbrido com atividades semipresenciais, prática adotada por 21,9% das escolas privadas e apenas 4% da rede pública de ensino. Assim, esses dados nos mostram que o período de pandemia atingiu negativamente mais uma parte da população em detrimento de outra, escancarando as desigualdades sociais presentes na educação pública brasileira.

As crianças que ocupam as cadeiras do 3º ano do ensino fundamental nesse contexto, tiveram seus processos de alfabetização iniciados remotamente e, ao invés de ser uma professora como mediadora nessa etapa tão importante, encontraram apenas a mediação da família e um contato distante com o ambiente escolar por meio das tecnologias.

Neste período de pandemia, as crianças provindas de familiares alfabetizados que espontaneamente convivem com a leitura e a escrita, receberam orientações para o processo de alfabetização, além do incentivo real pelo qual necessitamos ler e escrever, construindo significados individuais sobre essas práticas, sendo que “essa informação que uma

criança que cresce em um ambiente alfabetizado recebe cotidianamente é inacessível para aqueles que crescem em lares com níveis de alfabetização baixos ou nulos” (FERREIRO, 1993, p.20).

Ao considerar esses fatores encontramos na experiência de estágio como pesquisa uma classe aparentemente “igualitária”, crianças com a mesma faixa etária, no mesmo ano do ensino fundamental, que nunca repetiram o ano escolar e que enfrentaram algumas das mesmas dificuldades pandêmicas, como por exemplo, o distanciamento social e isolamento domiciliar. Contudo, as discrepâncias notadas acima estavam palpáveis, crianças que frequentam o mesmo ambiente escolar possuíam noções e níveis de aprendizagem no que se refere à construção da leitura e da escrita completamente diferentes, embora inseridas em um mesmo contexto de ensino. Neste sentido, interrogamos: como alfabetizar crianças do 3º ano que nunca tiveram acesso ao processo de escolarização, ao mesmo tempo que outras crianças já conseguem ler e escrever convencionalmente?

(RE)INVENÇÃO DE NOVAS FERRAMENTAS METODOLÓGICAS: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Durante o período de observação participante, percebemos o desenvolvimento das crianças nas atividades em sala de aula e o desempenho destas durante as resoluções e correções. As crianças mostravam níveis de alfabetização completamente diferentes, umas já sabiam ler e escrever letra cursiva, outros conheciam o alfabeto, mas não sabiam ler/escrever convencionalmente, por último, havia um grupo de alunos/as que não sabiam transcrever o próprio nome sem olhar ou alguém mostrar as letras.

Nessa perspectiva, o nosso plano de ação pautou no diálogo entre todas as áreas das linguagens e exatas, com ênfase no processo de alfabetização. Para Bittencourt (p. 68, 2019), o processo de ensino-aprendizagem que envolve a ludicidade necessita de “um direcionamento estratégico e sistematizado do professor na organização do tempo, dos espaços, das brincadeiras e dos materiais para a aula [...] desenvolvendo-se o emocional, o social e o cognitivo das crianças”.

Pensando nessa questão, elaboramos um planejamento semanal no qual detalhamos os assuntos trabalhados pelas professoras, para desta forma, não interrompermos a rotina da turma e contribuir com o progresso da aprendizagem das crianças. O foco maior estava voltado para as disciplinas de Português e Matemática, o que proporcionou a realização e confecção de materiais lúdicos que envolvessem formação de palavras e jogos matemáticos.

Menezes (2015, p. 18) nos chama atenção “para que a ludicidade flua é importante que a racionalidade seja também prazerosa, emotiva, humorada, motivada a aberturas”, ponderando isso, formulamos atividades contendo sequências numéricas para completar juntamente com as estagiárias, cálculos matemáticos utilizando jogos com dados, nos quais as estagiárias jogavam e os/as alunos/as contavam as bolinhas pretas dos dados, registrando no caderno, além de realizar a operação de adição, posteriormente.

Confeccionamos alfabetos móveis e utilizamos nas aulas de Português, para isso, as crianças foram agrupadas em duplas, considerando aquelas com níveis próximos de construção da lectoescrita, juntando crianças que estavam no nível alfabético com outros/as silábico com valor sonoro e silábico alfabético. A intenção era proporcionar a interação entre pares e o compartilhamento de saberes mutuamente, deste modo, as crianças poderiam formular hipóteses entre si, promovendo a aprendizagem por meio de tentativas e acertos (FOLQUITTO, 2018).

As propostas desenvolvidas em sala de aula foram para além do proposto no currículo, envolvemos sorteio de sílabas, elaboração de maquete da sala de aula, reflexão sobre o local que vivem e convivem, estudo sobre os animais

com a organização da própria classificação em que cada um agrupou os animais por cor, tamanho, espécie ou habitat, brincadeiras livres e coordenadas durante a Educação Física, em que trabalhamos coordenação motora, raciocínio lógico e atenção. Em cada momento, buscamos envolver a participação coletiva da turma para as atividades desenvolvidas.

A prática do lúdico desempenhada em sala de aula, pode promover o entusiasmo das crianças durante o desenca- deamento da aprendizagem e facilita esse processo, ocasionando o amadurecimento real da habilidade de realizar a com- preensão de leitura das palavras, frases e textos. Ao recorrer o lúdico na prática pedagógica, o/a professor/a possibilita o aprendizado de modo mais atrativo para o/a aluno/a, dando a possibilidade deste assimilar e transformar a realidade.

(IN)CONCLUSÃO

Adentrar à sala de aula é “conhecer o chão da escola”, lugar de interlocução entre o espaço de formação e campo de atuação profissional. Ficou evidente para nós que vivenciar o estágio como pesquisa além de possibilitar a unidade te- oria e a prática, firma a construção da identidade do/a pedagogo/a. Para Pimenta (2011), é o momento de conhecer a rea- lidade onde o/a futuro professor/a irá atuar, tendo a teoria vivida no âmbito da formação como suporte para vivenciar a prática escolar.

Tendo em vista que o tema tratado foi de grande valia, pois oportunizou-nos conhecer sobre a realidade do retor- no das atividades presenciais nas escolas, após dois anos de uma rotina totalmente diferente, com o ensino remoto, por meio das observações e das orientações, buscamos explorar como era a atuação pedagógica do/a professor/a, sua relação e a interação com a turma, os métodos didáticos usados para o ensino, os conhecimentos adquiridos pelas crianças e a re- alidade individual de cada uma. Para em seguida, planejamos estratégias didáticas com materiais diversificados que vi- essem a corresponder com a necessidade da turma naquele momento, por práticas de alfabetização e letramento, conside- rando as especificidades e singularidades das crianças.

No tocante ao trabalho do/a professor/a ao invés deles/as prosseguir com as orientações presentes nos documen- tos normativos como a Base Municipal Curricular de Guanambi e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de modo a dar andamento no que é proposto para o currículo do 3º ano do Ensino Fundamental, as/os docentes estão reinventando suas práticas de ensino para amenizar os impactos no atraso escolar em relação à leitura, à compreensão, e à escrita de enunciados verbais e não verbais. Portanto, acreditamos ser inviável focarmos apenas no cumprimento das orientações dos documentos normativos, em relação ao que é esperado para as crianças desenvolver ao final do ciclo de alfabetiza- ção, quando os conteúdos de 1º e 2º anos estão tendo que ser retomados.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: propostas pedagógicas construí- das nas ações formativas da UFFS. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

Crianças de 6 a 10 anos são as mais afetadas pela exclusão escolar na pandemia, alertam UNICEF e Cenpec Educação. UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-de-6-10-anos-sao-mais-afetadas-pela-exclusao-escolar-na-pandemia>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FOLQUITTO, Camila Tarif Ferreira. **Dimensões cognitivas, afetivas e morais na infância [livro eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Senac, 2018.

Guanambi. Prefeitura Municipal. **Secretaria Municipal de Educação**. Centro de Treinamento Pedagógico. Base Municipal Curricular de Guanambi para Educação Infantil, Ensino Fundamental e Modalidades de Ensino – Departamento de Ensino e Apoio Pedagógico. Guanambi: Secretaria Municipal de Educação, 2020. 670 p.

Instituto Nacional De Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (**INEP**). Dados do impacto da Pandemia na educação, 2022. Brasília: MEC, 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

MENEZES, Regiane da Costa. **Práticas lúdico-reflexivas na formação de professores**. Programa de mestrado em gestão e práticas educacionais (PROGEPE) UNINOVE. São Paulo, 259 p. 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ermani Cesar de. **Metodologia do trabalho científica: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico [recurso eletrônico]**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.